

## EDITORIAL

*Ezequiel Theodoro da Silva*  
*Ludimar Pegoraro*  
Caçador, SC, dezembro de 2017

A vida é como andar de bicicleta.  
Para manter o equilíbrio você precisa  
continuar o movimento.  
Albert Einstein

“Saber-sabor” foi uma expressão cunhada pelo filósofo Rubens Alves para simbolizar o amor ao conhecimento e os prazeres dele decorrentes. Essa expressão serve muito bem para representar o sentimento que nós, editores da PROFESSARE, carregamos conosco ao longo de todo o processo de produção desta revista. De fato, não queremos apenas publicar por publicar, como se a circulação da ciência fosse um assunto de contabilidade ou de numerologia; pelo contrário, desde o recebimento dos textos dos colaboradores até o momento de sua formatação e publicação, o nosso Norte sempre foi a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros pelo viés da pesquisa e de tudo aquilo - de bom, de crítico, de produtivo - que dela decorre em termos teóricos e práticos. Saber-sabor-prazer: eis a trilogia que norteia as posturas da nossa equipe editorial, robustecendo os nossos compromissos enquanto um periódico científico.

Alguém poderia pensar que essa é uma atitude estoica, considerando as atuais desgraças nacionais, provocadas principalmente pela classe política brasileira. Entretanto, diante da avalanche de estragos sociais da atualidade, cabe perguntar se devemos, enquanto professores e pesquisadores, entregar os pontos e, à moda do eterno pessimista, proclamar que o país não tem mais jeito, que aqui a sede pelo lucro não tem limite nem se esgotará com o tempo, que agora o regime é o Deus-dará, etc. Não, não queremos dar esse “gostinho” aos donos do poder ou àqueles que defendem a ideia do quanto-pior-melhor. Entendemos que a produção da ciência e a sua posterior divulgação caminham no sentido de, pelas suas descobertas que exauem e/ou pelas reflexões que instigam, podem alimentar a esperança na mudança e, ao mesmo tempo, permitir o conflito com tudo de ruim que existe nos diferentes

ambientes sociais. Enfim, a ciência, por iluminar o conhecimento, também permite que os cidadãos enxerguem formas dignas e condignas de viver.

Assim é que este número da Revista PROFESSARE pode, metaforicamente falando, se transformar numa injeção de ânimo no seu quadro de leitores - leitores estes situados em diferentes regiões brasileiras e em vários países da América Latina. Isto porque, além do saber-sabor que é próprio da sua construção, os conteúdos selecionados atendem a temáticas instigantes e oportunas, apontando para nuances que podem se apresentar como novidades para os estudiosos, somando ideias para outros mais conhecimentos em construção. Assim, a busca, a localização das informações desejadas, o arranjo e o nascimento de outros textos avoluma o prazer das autorias, rizomaticamente aumentando os caminhos pelos quais a ciência nasce, circula e se sedimenta.

Este número se abre com uma estupenda entrevista de Lucídio Bianchetti, um pesquisador que sempre preza o rigor no trabalho e que nunca perde de vista os contextos maiores da educação e produção científica no Brasil. O foco ou eixo da entrevista se volta para as condições de produção da ciência nas universidades, especialmente nos cursos de pós-graduação onde ocorrem as interlocuções entre orientador e orientando para a construção de trabalhos acadêmicos. A entrevista se ramifica por diferentes áreas, contemplando aspectos das atuais políticas de produção científica no país; nessa ramificação, pode-se encontrar posicionamentos contundentes como este:

[...] não sou contra a 'produtividade' em si. Penso que se dedicar a um trabalho como aquele que envolve o fazer parte de um Programa de Pós-graduação implica responsabilidades como indivíduo e com o coletivo. O problema é quando passamos da produtividade necessária, decorrente do cumprimento das responsabilidades individuais e ético-sociais de quem trabalha em uma instituição como a universidade, para o produtivismo, isto é, para a ideologia da produção. Uma produção voltada a atender demandas externas, induzidas, heterônomas.

Sem dúvida que o teor desta entrevista provoca muito saber e gera muito sabor àquele que lê para saber-sentir sabor no conhecimento crítico e objetivo sobre razão de ser dos fenômenos.

A Educação Infantil recebe uma ênfase muito especial neste número da Revista: dois artigos levam os leitores para aspectos relacionados

à força transformadora da literatura e para questões relacionadas às necessidades de aprendizagem de crianças que vivem no campo. Em “Não na frente das crianças: a diversidade de gênero na literatura infantil”, Patricia de Cassia Pereira Porto e Fabiano Tadeu Grazioli viajam fundo nos preconceitos que ainda rondam as escolas, principalmente no que se refere a questões de gênero. Eles mostram, fundamentados em bibliografia pertinente, como as visões ideológicas se reproduzem na cabeça dos professores, escondendo da infância os verdadeiros fatos da vida e, por isso mesmo, fazendo com que as mentiras pareçam verdades. Por sua vez, a estudiosa Natalia Agnes de Araujo Almeida, no artigo “Projetos pedagógicos na Educação Infantil: uma experiência com turmas de creche e pré-escola”, defende radicalmente o respeito que se deve ter por aqueles que recebem a sua educação formal no campo. Ambos os trabalhos são fundamentados em visões atualizadas da problemática e, por isso mesmo, jogam luzes em áreas consideradas tabus e que merecem ser criticamente refletidas. Resulta dessas leituras mais saber e mais sabor, ainda porque a educação infantil vem ganhando o seu merecido estatuto como uma área de suma importância para a pesquisa educacional e, mais do que isso, como uma área de formação onde “tudo começa”; nunca é demais lembrar que existem direitos que são próprios da infância e que precisam ser acatados.

Subindo no espectro educacional, dois trabalhos desta edição contemplam o ensino fundamental: “Inclusão educacional do aluno surdo: uma perspectiva social e reflexiva”, de Ariely Souza Borges, Jaqueline Silva Rocha e Jadson Justi, e “Qual a importância de comemorar o Dia da Matemática na educação básica?”, de Anderson Minosso e Vinicius Almeida Peres. O primeiro retrata o rol de dificuldades e de carências que envolvem o atendimento concreto dos surdos nas escolas brasileiras, ainda que mencione os avanços que ocorreram ao nível da legislação. O segundo mostra, na forma de um relato de experiências, as conquistas da aprendizagem numa escola em que foi estabelecido oficialmente em calendário o Dia da Matemática, envolvendo uma multiplicidade de atividades voltadas à história dessa ciência. O saber atinente a essas duas áreas (inclusão e ensino da Matemática) é de fundamental importância aos estudiosos da educação brasileira mesmo porque coloca-se como problemas que parecem desafiar os educadores no passar do tempo. Mais especificamente, passa o tempo e as escolas se mostram incapazes de superar as dificuldades trazidas pelos processos

de inclusão e pela aprendizagem significativa da Matemática. Nesta área, portanto, um sabor meio amargo, mas ainda sabor...

Focando o ensino médio, Quédia Cabral Martins e Maryualê Malvessi Mittmann escreveram “O ensino de escrita no ensino médio: uma análise da prática docente e gêneros discursivos em sala de aula”, em que revelam, através de pesquisa empírica, a confusão - teórica e prática - dos professores a respeito daquilo que objetivamente vem a ser “gêneros textuais”, mostrando a necessidade de uma urgente revisão conceitual de modo que os estudantes não continuem a ser prejudicados. Outrossim, também aprofundando o nosso conhecimento a respeito dos processos de escrita, Nair Ferreira do Amaral, Rosália Aparecida da Silva e Núbia Lopes Soares tecem significativas ideias no artigo “O ‘erro’ gramatical na mídia: deslocando o olhar” - uma reflexão contundente a respeito daquilo que é considerado erro de escrita - fundamentando sua crítica num estudo a partir de um texto jornalístico”, propõem que o olhar do avaliador visite outras dimensões discursivas situadas em nível de contexto. Cabe reiterar aqui que saber decorrente de análises da linguagem humana sempre são instigantes e saborosas mesmo porque se voltam para aquilo que dizemos, ouvimos, escrevemos ou lemos nas nossas interlocuções cotidianas.

Garantindo a natureza interdisciplinar da PROFESSARE, Danieli Amentt Antunes e Clayton Luiz Zanella comparecem com o relato de pesquisa, intitulado “Usuários do programa DST/AIDS/HIV e hepatites virais: um estudo psicossocial realizado com pessoas com HIV/AIDS”, revelando, principalmente, a necessidade da presença de um psicólogo na equipe multidisciplinar que faz o atendimento às pessoas aidéticas. Claudemir Aparecido Lopes fecha a seção de artigos com a reflexão “Considerações sobre ética”, uma verdadeira aula a respeito do conceito de ética e de suas ramificações, o que permite ao leitor entender melhor a necessidade de sua prática na vida de todos nós. Veja-se aqui, a relação entre os dois trabalhos citados neste parágrafo, ou seja, a atenção aos aidéticos bem como a sua inserção social é um problema ético na medida em que a rejeição ou o preconceito a que são submetidos bate nas portas da ética, dos valores e das nossas condutas em sociedade. Novamente se coloca a necessidade de saber - saber sempre mais -, mesmo que o sabor seja amargo.

As partes finais desta edição da Revista põem junto uma excelente resenha produzida por Sabrina Tomé Leal a respeito da obra “Professor

leitor: uma aprendizagem e seus prazeres” da professora Eliana Yunes (2016), seguida dos resumos das dissertações dos dois programas de mestrado (acadêmico e profissional) da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, numa demonstração viva de que aqui o saber se faz pelo sabor do saber e pela consciência de que a produção da ciência é geradora de desvelamentos contínuos da realidade e, conseqüentemente, de nutrição permanente da esperança para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Finalmente e não menos importante, recuperando as palavras de Albert Einstein, que servem de epígrafe a este editorial, equilíbrio e prudência dependem de movimentos constantes de superação; dessa forma, continuaremos a nossa missão de produzir e fazer circular a ciência, movimentando-a para frente e fazendo com que os seus resultados nos conduzam a melhores patamares de vida, de existência e de convivência em sociedade.

